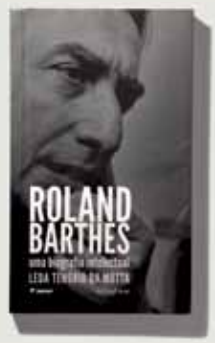
Roland Barthes: um cético moderno

Olgária Matos

Roland Barthes - Uma biografia intelectual, de Leda Tenório da Motta, inscreve Barthes na grande tradição das "morais do grande século", para logo apresentá-lo na figura mais universal do filósofo. Pois, se nos cortesãos de Luís XIV, La Rochefoucauld detectava em cada vício a máscara da virtude, é por romper com a lógica do incontrovertido em que o ser é e o não ser não é. Neste sentido Leda Tenório da Motta escreve: "A Barthes essas práticas de desmonte do *logos* que estabiliza coisas instáveis sugerem todo um pautário que, passando pelos drogados baudelairianos postos em beatitude, pela lucidez da hiperconsciência de Monsieur Teste e pelos heróis distanciados de Brecht, vai da crise de Gide à postura zen". (*p. 52*)



Roland Barthes – Uma biografia intelectual
Leda Tenório da Motta
Iluminuras / FAPESP
288 páginas, R$ 47

Desfazendo a oposição binária e o princípio de identidade, a autora mostra de que maneira em Barthes a dúvida não é o "pensamento do negativo" das sínteses hegelianas, porque não se trata de contradição, mas do Neutro. Neutro, observa Leda Tenório da Motta, não é Doxa, o discurso dos lugares-comuns e dos estereótipos da cultura contemporânea, que, ao gosto dos críticos da mídia, define sem definir, dizendo "o gosto é o gosto" ou "Racine é Racine". Neutro, diversamente, é "ne-uter", nem um nem outro, e um e outro.

Reavendo a tradição do ceticismo antigo e de Pirro, entre a tensão dos opostos e sua conciliação, a *epoché* é a "suspensão do juízo", é o direito de calar-se. O que explica, observa Leda T. da Motta, "em plano prático ou de neutralização ética, seu famoso silêncio em relação ao regime maoista; sua decisão de não julgar o Japão moderno e tecnológico, em seu *O império dos signos*, para só ficar nos minimalismos da cultura nipônica ancestral; sua escapada para o Marrocos logo depois dos acontecimentos de maio de 1968, cuja cultura *partisan* o aborrece." Nem ativa nem passiva, a *apathia* não é desafeto, mas *sobrietas* e delicadeza. Com o que Barthes, neste livro, afasta-se das injunções dogmáticas e de suas prescrições. O desejo do Neutro é: "Suspensão das ordens, leis, cominações, arrogâncias, terrorismos, ameaças, exigências, quererc*ingir*". Nem ativa nem passiva, a indiferença barthesiana, mostra Leda T. da Motta, é distância com respeito ao narcisismo da imagem que se quer oferecer ao Outro, a que Barthes prefere o retiro que subtrai ao olhar, suspendendo as exigências da socialização. A indiferença é aqui tédio com respeito ao *status quo* do conformismo, é defesa contra o "acertar o passo" generalizado.

Da poética à literatura, de Rimbaud a Camus, da semiologia ao estruturalismo, do marxismo à indústria cultural, do mito à astrologia, o Neutro barthesiano é a indiferença que reúne a deriva suave à delicadeza, o discreto à nuance. E, como o *punctum* fotográfico, o Neutro é o pungente que se opõe ao *studium*, ao "estudado" para "comover". Acompanhando os sentidos do Neutro, Leda nos mostra que, nesse "cético moderno", à independência do juízo é também "direito ao cansaço" "no meio do caminho desta vida", momento disruptivo, *punctum* final da preparação do romance do último curso de Barthes no Collège de France, de um romance que não será escrito: "Nessas condições", conclui Leda Tenório da Motta, "como poderia o poeta definir a literatura senão como o grau zero da escritura [...], a forma do escritor sem literatura?" (*p. 270*)

Com extremo rigor e máxima liberdade, Leda Tenório da Motta faz ver no Neutro barthesiano a metafísica da impermanência, a lei do efêmero, a vanidade das coisas e a grandeza do instante. Instante da "*vita nova*", ou "a morte do autor", a *vita nova* é a morte do autor.

Olgária Matos é professora titular do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e professora visitante do curso de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo.

FOTOS EDUARDO CESAR